O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 352

1 DE OUTUBRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Como lhes annunciava na minha ultima chronica, já hoje escrevo em Lisboa, de volta da minha pequena villegiatura, que, apesar de pequena, me pareceu excessivamente longa.

Eu não sei se a toda a gente acontece o mesmo que a mim me acontece, é de crer que não, porque ouço a maioria das pessoas lamentar se da rapidez com que passa o tempo nas digressões de recreio, mas para mim esse tempo parece-me sempre duplicado, como para o serviço do exercito os annos de Africa.

Os tres ou quatro primeiros dias passados fóra de Lisboa, fóra da minha casa, dos meus habitos, do meu trabalho usual de todos os dias parecem-me compridas semanas.

Isto não é uma *pose* de trabalhador, affianço-lhes, e tanto que depois habituo-me a não fazer nada como aquelles que se habituam, a ponto de ser positivamente incapaz de trabalhar em jornada, e até mesmo de escrever cartas particulares.

Apenas saio de Lisboa e estou 48 horas afastado do meu tinteiro, das minhas pennas, e da minha mesa, adeus minhas encommendas! Não ha forças humanas que me obriguem a escrever duas linhas, e, o que é mais, a ler um paragrapho apenas de qualquer livro.

Saio sempre de casa fazendo planos de ler muito, cheio de boas intenções e de bons livros; mas livros e intenções ficam-me sempre no fundo da mala e regressam commigo á terra natal perfeitamente intactos. Por isso eu nunca poude ser, nem serei, um correspondente de jornal em qualquer festa ou acontecimento fóra de Lisboa.

Já experimentei isso por varias vezes, e sempre com o mais deploravel resultado.

Quando no Porto se inaugurou a ponte Maria Pia eu fui a essa inauguração para dar noticia minuciosa aos leitores do meu jornal.

E dei-lh'a, mas depois d'elles já saberem tudo pelos outros jornaes; porque só lh'a dei quando voltei a Lisboa. De lá nem uma linha sequer.

O REI MILAN DA SERVIA

A RAINHA NATHALIA

Quando foi a expedição scientifica á Citania de Guimarães, quando foi a viagem dos reis de Portugal a Madrid, aconteceu exactamente a mesma coisa.

Calculam bem decerto já o esforço enorme que eu tive que fazer sobre este meu feitio de viajante, para mandar de Braga e do Porto as minhas chronicas para o OCCIDENTE.

Custou-me mais escrever aquellas duas columnas de noticias, do que em Lisboa me custaria escrever um volume de 400 paginas.

E por isso tive vontade de abraçar um criado do Hotel de Paris que me prestou o relevantissimo serviço de perder as provas que de Lisboa me tinham mandado, do pequeno conto que com o titulo de *Romance d'um amanuense* ando publicando n'este periodico.

Essas provas eram-me mandadas para eu fazer a continuação do conto.

Recebi-as no dia em que de Braga cheguei ao Porto, recebi-as quando estava jantando, e deixei-as em cima da mesa.

No dia immediato fui buscal-as heroicamente, para, Deus sabe com que custo, me deitar ao trabalho.

O criado que me servia procurou-as, tornou a procural-as, e nada. As provas tinham desapparecido.

Quando elle muito contristado me deu esta noticia eu tive vontade de o estrangular... com um abraço.

Por honra da firma ralhei, mostrei-me zangado, mas no fundo da minha preguiça abençoava esse feliz desleixo.

Apesar de tudo isto, porém, e naturalmente por isso mesmo, por não trabalhar nada, absolutamente nada, os dias lá fóra parecem-me que não tem fim.

Houve só um dia que me pareceu pequenissimo; foi o da minha partida.

Por causa d'um annuncio de doença d'uma das minhas filhinhas, e que felizmente não passou de annuncio, tive de apressar essa partida.

Estava para sahir do Porto no sabbado ás 4 horas da tarde e sahi na sexta-feira.

De quinta para sexta-feira a minha filha mais nova esteve toda a noite com uma febre enorme.

Assustei-me immenso, tanto mais que soubera na vespera que havia em varios pontos do Porto muitos casos de variola.

E a prespectiva d'uma doença de criança, n'um hotel, longe de nossa casa, do nosso medico, das nossas commodidades aterrou-me deveras e resolvi immediatamente, se Deus permittisse que de manhã a minha filha estivesse melhor e podesse sem perigo emprehender uma viagem de oito horas, fugir logo para Lisboa.

E assim foi.

A pequena amanheceu melhor, ás 4 horas da da tarde mettemo-nos no *rapido* de Lisboa, e á meia noite e meia hora entrava em minha casa, com a pequena completamente boa.

Mas como a minha viagem ao Porto não fôra simplesmente uma viagem de recreio; como me tinha levado alli a necessidade impreterivel de ver umas coisas e de tirar umas notas para um livro em que trabalho, essa precipitação na partida obrigou-me a fazer em 4 horas o que tinha para fazer em dois dias.

E foi então que o tempo passou a voar, a voar tanto que tive que sahir do Porto sem me despedir de ninguem, sem visitar as muitas pessoas que alli me obsequiaram e me deram provas de amizade e de deferencia a que serei eternamente grato, sem me despedir dos meus estimados collegas da imprensa do Porto, com quem ha annos vivo na mais perfeita camaradagem, dos meus collegas a quem devo — a todos, a mais bella e leal confraternidade, a muitos particular sympathia, estima e reconhecimento.

A minha victima no Porto foi aquelle que o costuma ser sempre, este anno aggravada pela necessidade das minhas notas e apontamentos: o meu querido e particularissimo amigo Antonio Patricio, um excellente rapaz, uma formosa intelligencia e um formoso caracter que eu invejo egoistamente ao Porto, e de quem não me posso consolar de gozar a excellente companhia apenas oito ou dez dias, lá de annos a annos.

D'esta vez Antonio Patricio foi um verdadeiro martyr; primeiro porque me aturou dez dias a fio, e depois porque não foi só aturar-me, foi acompanhar-me nas minhas viagens pelo Porto tenebroso, pelas ilhas, pelas viellas, pelas cadeias, pelos hospitaes, pelas espeluncas, pelas quebracostas escuros do bairro da Sé, e, peior do que tudo isso, pelo immundo Barredo.

O Barredo!

É preciso ir lá, andar por aquellas ruas por onde eu custei a caber, para se fazer uma idéa do que aquillo é, e para se pedir contricto perdão á nossa Alfama do mal que se tem dito d'ella.

O beco dos Biguinhos, a S. Vicente, é a Avenida da Liberdade comparada com a viella do Buraco ou com a rua dos Canastreiros. Um passeio por um cano d'esgoto deve parecer-se extraordinariamente com um passeio pelo Barredo.

Quando sahimos para lá, pela rua do Penaventosa e pela rua de Sant'Anna, o Antonio Patricio ia-me preparando para os horrores que iamos atravessar.

— O que? é ainda peior do que isto, pergunteilhe eu fazendo prodigios d'equilibrio para descer as lages da ladeira de Sant'Anna, a rua do celebre Arco do romance de Garrett, arco de que lá se vêem ainda vestigios.

— Muito peior! disse-me elle.

Eu não acreditei.

Apenas entrei no Barredo pela rua de S. Francisco e fui assaltado pelo cheiro nauseabundo, indecifravel que se exhala dos armazens de petroleo, dos armazens de sal, das immundices que serpenteam por aquellas ruas estreitas como bainhas d'espada e escuras como fundos de tinteiros, comprehendi o que havia de verdade no que me dissera o Patricio.

As viellas mais tortuosas e negras da Sé, são um céo aberto ao pé d'aquelles escaninhos de cano geral que se chama o Barredo.

E não poude fazer a minha viagem por esse inferno dantesco d'uma só assentada: apenas via lá no fim d'um dedal escuro uma nesga de claridade, mettia-me por elle e ia á beira do Douro encher os pulmões d'um bocado d'ar puro, para poder proseguir na minha visita.

Quando a Rainha, por occasião do incendio do Baquet visitou uma das viellas do Germalde, contou-se que Sua Magestade perguntára estupefacta:

— Pois aqui vive-se!

No Barredo, essa pergunta anda-nos sempre no espirito, mal se põe o pé n'uma das suas viellas.

E não obstante vive ali muita gente, uma população enorme, de catraeiros, carrejões, peixeiros, toda a gente que tem a sua vida nas lides do rio, no commercio pequeno da ribeira.

E uma nota singularissima que a sciencia é perfeitamente impotente para explicar.

Quando houve o colera no Porto, não entrou no Barredo.

N'esse bairro immundo, onde parece que a morte paira no ar fetido e corrupto que se respira, não houve um unico caso do colera. Dir-se-hia que até o proprio microbio do Ganges teve medo de entrar ali.

Que os sabios da escriptura expliquem estes segredos da natura!

Fallámos ha pouco no incendio do Baquet.

E a esse respeito deu-se uma coincidencia original que felizmente foi por muitos ignorada no proprio dia.

No dia em que se inaugurou o theatro do Principe Real com a companhia do theatro de D. Maria, isto é, no primeiro dia em que houve theatro no Porto — theatro a valer, porque o theatro chalet é um theatro popular de publico muito restricto — fazia exactamente seis mezes que tinha sido a medonha catastrophe do Baquet.

E ao pé do theatro do Principe Real em festa, todo cheio de luz e de gente, as ruinas negras do Baquet, lembravam a todos o tragico acontecimento como o *memento homo* implacavel que a igreja repete permanentemente a todos os seus filhos, como o plangente psalmodiar dos funebres monges negros cortavam as ruidosas gargalhadas do orgiaco banquete da Negroni.

O que é verdade porém, é que tudo passa n'este mundo, e que o terror causado no Porto pelo incendio do Baquet vae já passando.

Ha ainda algumas pessoas que tem medo d'ir ao theatro, e isso explica na noite da abertura do Principe Real haver alguns camarotes de 2.ª ordem sem gente, mas a maioria já não pensa n'isso e mesmo se pensa, já se não importa.

N'esse mesmo dia de manhã, ouvimos nós um sujeito, um velho, chegar ao camaroteiro do theatro e pedir um bilhete.

— Que logar quer? perguntou-lhe o camaroteiro, á frente ou mais para traz?

— O que quizer: um logar onde se morra mais depressa!

Devem confessar que no genero de graça funebre não se póde ir mais longe!

Reparo agora porém que fazendo esta chronica em Lisboa, parece ainda que a estou escrevendo no Porto.

Pois em Lisboa tem havido um par de novidades: mas é verdade que essas novidades não são muito do genero das nossas chronicas.

Uma d'ellas foram as manobras militares, que correram muito bem, e sem chuva, como a memoravel batalha do Sabugo no anno passado.

Não assistimos a essas manobras e mesmo que assistissemos seria o mesmo que nada, pois somos absolutamente leigos no assumpto.

As outras novidades tem sido suicidios e raptos, casos de parte policial, com que pouco ou nada temos a vêr.

A ultima novidade foi a de ante-hontem no Gymnasio: a abertura do theatro, com a 1.ª representação do *Dr. Jojó* uma comedia em 3 actos de Albert Carré, que teve grande successo ha mezes em Paris e que em Lisboa teve o mesmo exito de gargalhada, graças á comedia que é muito engraçada e bem urdida, replecta de situações comicas perfeitamente achadas e conduzidas, e graças ao desempenho que é excellente por parte de todos os artistas. E com o *successo* do *Dr. Jojó*, o Gymnasio póde esperar á vontade a chegada do Valle, da Barbara, e dos seus outros artistas que tem andado pelo Brazil e que devem estar em Lisboa lá para quinze d'este mez.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O REI MILAN DA SERVIA E A RAINHA NATHALIA

O divorcio dos reis da Servia é ainda uma das questões mais actuaes e mais curiosas, que n'este momento dá assumpto para os telegrammas e para os noticiarios da imprensa diaria.

No artigo que publicamos a paginas 194 do presente volume, acompanhando a gravura do retrato do principe da Servia, dissemos o bastante para se conhecer a causa do divorcio dos reis da Servia; hoje só poderemos dizer que as cousas não tem melhorado sensivelmente, e a rainha Nathalia adquire os fóros de victima, chamando sobre si as sympathias geraes.

As manifestações que o povo servio lhe fez, por occasião do anniversario natalicio do rei Milan, são uma prova d'essa sympathia, e de quanto os servios desapprovam o procedimento do seu monarcha.

Estas dissenções reaes nos principios de um reinado e de uma monarchia, são extremamente perigosas para o throno da Servia, mal firme ainda, sem tradicções que lhes garantam a estabilidade, e faça-se inteira justiça á rainha Nathalia, que parece avaliar melhor os inconvenientes d'estas dissenções conjugaes, empregando todos os esforços para a reconciliação e termo d'esta questão lamentavel.

A rainha Nathalia censura fortemente o consistorio, porque este não empregou os meios de conciliação antes de proceder ao processo de divorcio, e insiste pela conciliação, para que seu filho não assista por mais tempo a estas discordias paternas.

O rei Milan, porém, não quiz acceitar qualquer conciliação, no que revela bem a sua vontade firme de se separar da rainha, e embora o pretexto que dá para essa separação seja o da rainha se intermetter nos negocios politicos e educação do principe, a cousa é outra, em que o coração tem parte muito mais activa que o bom juizo.

É assim que a intervenção do imperador Francisco José, que se realisou agora, apenas parece que conseguirá a supressão do divorcio judicial, ficando entretanto os dois conjuges particularmente separados.

As condições d'esta separação, apresentadas pelo advogado Pirot Chanaiz, são no sentido de conservar á rainha os seus titulos e a pensão, permettindo-lhe tambem o direito de ter em sua companhia, durante alguns mezes do anno, o seu filho; a interdicção do territorio servio á rainha será supprimida, assim como serão retiradas do processo as palavras *aversão mutua.*

Entretanto o processo judicial ainda não foi suspenso, e se se realisar o julgamento, deverá este ter logar em 22 de novembro proximo, conforme está fixado.

Quando a Servia, livre das luctas que, desde

o principio d'este seculo, a trouxeram quasi em guerra constante até á promulgação da constituição de 1882, em que acclamou o actual rei Milan seu primeiro monarcha, gosava uma paz auspiciosa, vê levantar-se no palacio do rei esta questão de divorcio, que lhe vem perturbar, talvez, o bom andamento dos seus negocios internos.

O rei Milan é neto de Milan, irmão do grande Milosch que governou a Servia por muitos annos depois da derrota de Kara-Jorge. Nasceu a 18 de setembro de 1854, e tinha principiado a sua educação em França, quando foi chamado ao governo da Servia, em consequencia da morte de seu primo Milan, que foi assassinado em 1868, depois de um bom governo de oito annos.

O joven Milan, que apenas contava 14 annos de edade, só assumiu a governação a 22 de agosto de 1872, data da sua maior idade, tendo governado em seu nome, durante os quatro annos que decorreram de 1868 a 1872, uma regencia de tres membros, Blasnavatz, Reitich e Gawitovitch.

Em 1875, Milan desposou a actual rainha Nathalia, filha do coronel russo De Keschko e de uma princeza da casa Sturdza.

A rainha Nathalia nasceu a 14 de maio de 1859. É dotada de uma educação real e de rara formosura, o que comtudo não lhe valeu bastante para que o rei procurasse novos amores.

BRAZIL — EGREJA MATRIZ DA GLORIA NO RIO DE JANEIRO

Entre os edificios notaveis que se podem ver no Rio de Janeiro, sobresahe, como um dos mais bellos, o magnifico templo de Nossa Senhora da Gloria, edificado no sitio denominado o Cattete, ou praça do duque de Caxias.

Ao fundo do frondoso parque, em que se elevam palmeiras seculares, divisa-se a magestosa egreja da Gloria a alvejar por entre a verdura da luxuriante vegetação.

É um edificio de vastas proporções, occupando uma area de 24m,86 por 52m,80 além do jardim, que lhe corre em volta fechado por gradaria de ferro.

Uma escadaria de 13 degraos, com 22 metros de comprimento, dá accesso ao vestibulo que é formado por oito columnas jonicas de granito, de 9m,12 de altura, sustentando o frontão triangular, no meio do qual se releva um painel representando a coroação da Virgem, obra do esculptor hespanhol Francisco Mutido. Este painel é cópia de um outro existente na Academia de Bellas-Artes de Lisboa.

Nos vertices do frontão assentam duas estatuas de S. Pedro e de S. Paulo, e no apice uma cruz.

Ao centro do edificio eleva-se a grande torre que vae até á altura de 58m,30, tendo 11m por cada face.

É dividida por um terraço á altura de 41m,80, guarnecido de pilastras e balaustrada de marmore, tendo nos quatro angulos as estatuas da religião—Fé, Esperança e Caridade.

A meio d'este terraço prosegue a torre rematada em fórma de agulha, sobre um corpo quadrado com quatro sineiras.

A architectura interior do templo não se recommenda pela sua belleza, para o que bastará dizer que é de estylo barroco; tem sete altares. Na parede do arco da capella mór vêem-se dois paineis, encimados por dois nichos, em que se representam as imagens, em marmore, dos evangelistas S. João e S. Lucas. Sobre o arco ha um alto relêvo representando a assumpção da Virgem, esculptura do artista, já fallecido, Chaves Pinheiro.

Este edificio foi principiado a construir em 1842, assistindo á sua fundação o imperador D. Pedro II, de que se cunhou uma medalha commemorativa.

Em 1864 foram as obras suspensas por falta de recursos pecuniarios, mas em 1868 recomeçaram, concluindo-se o edificio no anno seguinte.

O plano primitivo d'esta construcção foi dos engenheiros Koehler e Riviére, mas foi depois modificado, sem comtudo o expurgarem de todos os defeitos que tinha.

CAPELLA DE CARLOS ALBERTO NO PORTO

A pequena Capella denominada de *Carlos Alberto* é um monumento levantado pelo amor fraternal á memoria de um rei desditoso, que sendo um bravo a quem a gloria sorriu, veio expiar no exilio o revez das suas armas, a annullação das suas generosas aspirações.

Carlos Alberto, esse valente que não destoou dos brios cavalheirosos dos principes de Saboia, passou os ultimos annos da sua vida na cidade invicta que lhe serviu de tumulo.

Proximo da casa onde elle entregou a alma ao Creador, no largo da Torre da Marca, d'onde se avistam panoramas de belleza indiscriptivel, é que a princeza Augusta de Montlear, sua irmã, mandou construir a capella que faz o assumpto da nossa gravura, á memoria d'aquelle que, menos feliz que seu filho Victor Manuel, se sacrificára pela unidade da sua patria.

Monumento de piedade e de gloriosa recordação, não tem a realçar-lhe a idéa que alli o implantou as bellezas de architectura floreada e custosa, que enriquecem os monumentos reaes, mas na sua singeleza e modestia falla mais aos corações generosos que muitos d'esses moles de pedra que não tem historia, além da vaidade que os levantou ou exaggero piedoso que assignalam.

A princeza Montlear veio ao Porto para lançar os fundamentos da capella, cujo risco fôra feito em Italia.

É toda construida de pedra, extrahida das pedreiras de granito existentes nas immediações.

Tem interiormente só um altar onde se vê a imagem em marmore de S. Carlos Borromeu, orago da capella. Esta imagem foi feita em Italia, d'onde veiu em 1860.

Em todos os capiteis das columnas se lêem as iniciaes C. A. de Carlos Alberto, e o bom gosto geral da construcção releva alguns pequenos defeitos que se lhe possam notar.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

A GALERIA «FARIA GUIMARÃES»

Contém esta galeria exposições de papel pintado, de apparelhos electricos, cosmochronometros, aguas mineraes, productos chimicos, farinhas, aguardentes, licores; fabricas de phosphoros, de broxas e escovas, fabricas de sabão, canastrarias, fructos gelados, chocolate, café, cervejarias, peixe de conserva, azeitonas, conservas de carne, legumes e fruta; favos de mel, cera, vellas e cirios, pharmacias, dentaduras e elixires contra dores de dentes; tinturarias, industria de cortumes, caixas de papelão, balões venezianos, fabrica nacional de tintas de imprensa; machina de sommar (invento recente), instrumentos de precisão, vellas de stearina, oleos, glycerina, a installação do Matadouro municipal de Lisboa e fabricas de bolaxa.

D'estas installações distinguem-se: a do *Matadouro* da camara municipal de Lisboa, que expõe photographias dos *hangars* e armazens d'aquelle estabelecimento nacional. Em urnas de vidro veem-se expostos o sebo de talho, sangue secco, sebo de vitella, sebo commum de vacca e tripa de vitella; estas urnas são de um desenho elegante, e teem os disticos do que encerram;

—a de Antonio Pereira da Cunha, com fabrica de bolaxas de differentes qualidades, e as historicas farinhas peitoraes de S. Bento; a farinha *de S. Bento* conta, de existencia em Portugal, cento e cincoenta e dois annos! Foi inventada ou composta para debelar uma dolorosa doença do peito que de um modo pertinaz e assustador, attacára o nosso *rei sol*, o magnanimo rei D. João V; el-rei conseguiu, no dizer das chronicas e confirmado pela tradicção, restabelecer-se completamente usando da milagrosa farinha de S. Bento em substanciosos caldos; até hoje, justo é publical-o, esta farinha tem saido victoriosa de todos os confrontos em concorrencia com as do estrangeiro; a fabrica actual tem obtido premios nas exposições do Brazil de 1879 e agricola de Lisboa de 1884, e mensões honrosas nas industrias do Porto;

—as dos cortumes, industria nacional do Porto e Lisboa;

—as de instrumentos de precisão, do constructor Herrmann, sob a direcção de Brito Capello;

—a dos cosmochronometros do inventor portuguez Augusto Justiniano de Araujo; o *manometro* electrico e um contador para gaz, invenção nacional de Emilio Dias;

—a do sal das marinhas do barão de Samora Corrêa;

—a da fabrica de phosphoros de M. J. R. Franco, de Lisboa, muito elucidativa, desde o simples pedaço de pau até ao phosphoro prompto para accender.

—a da pharmacia Franco & Filhos, de Belem, em um luxoso armario de carvalho do norte, expondo vinho nutritivo de carne, xarope de invenção do expositor, e outros productos chimicos.

Demonstram estas exposições, á evidencia, quão variada e interessante é uma visita pela galeria *Faria Guimarães.*

Em seguida, e continuando no nosso passeio descendente, do norte para o sul depara-se-nos:

A GALERIA ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR

É onde estão as escolas municipaes (suas installações) e a exposição dos estabelecimentos do ministerio das obras publicas, commercio e industria.

Tambem na mesma galeria, alem das exposições da Casa da Moeda e Papel Sellado, de Lallement, do Banco de Portugal e algumas fabricas de papel e um ou outro encadernador... a *great attraction*, o facto eminentemente nacional, são as installações das escolas industriaes, recentemente inauguradas em Portugal, uma attrahente novidade!

Existem no paiz duas circumscripções academicas de ensino industrial:—a do Norte e a do Sul.

Da primeira é seu inspector o snr. Parada Leitão, um funccionario distinctissimo e uma notabilidade do professorado nacional. A circumscripção do Norte é ali representada pelas seguintes escolas industriaes:

Brotero, em Coimbra;

Faria Guimarães e Infante D. Henrique, no Porto;

Passos Manoel, em Villa Nova de Gaya e *Francisco de Hollanda* na cidade de Guimarães; estas escolas são actualmente frequentadas por mais de dois mil alumnos.

A circumscripção do Sul é dirigida pelo snr. Fonseca Benevides, um dos lentes de ensino superior que mais honra o magisterio nacional, pelo seu caracter e pelo seu talento. Pertence-lhe a exposição de trabalhos das seguintes escolas de ensino industrial:—*Marquez de Pombal* em Alcantara, *Affonso Domingues* em Xabregas, *Gil Vicente* em Belem, *Jacome Ratton* em Thomar, *Campos Mello* na Covilhã, *Rainha D. Leonor* nas Caldas da Rainha, *Victorino Damasio* em Torres Novas, *Rainha D. Maria Pia* em Peniche, *Fradesso da Silveira* em Portalegre.

N'estas escolas o ensino é gratuito, bem assim todo o material necessario á instrucção dos alumnos.

Os exemplares expostos indicam o progressivo augmento de instrucção do alumno, segundo o tempo empregado no desenvolvimento da sua intelligencia e aptidão, e por isso se vêem ahi desenhos, esculptura e obra de talha, que seriam inadmissiveis em uma exposição de bellas-artes.

É comtudo assombroso o rapido desenvolvimento de alguns alumnos, como o dos da escola alemtejana *Fradesso da Silveira* que apresentam, em cinco quadros, trabalhos da sua officina, em madeira, desde simples figuras geometricas até á mais bem acabada obra de talha! e mais se admirará o nosso bom leitor sabendo que é trabalho produzido por creanças de quatorze a quinze annos! E como o dos rapazes da escola industrial lisbonense *Marquez de Pombal* que, obedecendo ao mesmo principio por nós indicado, expõem uma variadissima collecção de trabalho em ferro, madeira e barro.

Fallece-nos o espaço, mas não podemos calar a bôa impressão que nos causou o Instituto industrial e commercial de Lisboa, com a sua exposição de thedolitos, pantometros, niveis e outros instrumentos feitos na officina d'aquelle bem dirigido estabelecimento do estado.

Das escolas municipaes de Lisboa, destacamos a de *Rodrigues Sampaio* pelos seus notaveis trabalhos de marcenaria, torneiro e ferreiro, em obra fabricada pelos alumnos.

Os alumnos d'esta escola municipal além de aprenderem, como em outros estabelecimentos de instrucção, o francez, inglez, geographia, chimica, physica e historia natural, são obrigados, pela direcção imprimida no seu ensino, á applicação immediata d'estas disciplinas, ora attendendo á hygiene, ora em favor dos melhoramentos industriaes. De resto, a modelação e formação em barro e gesso, os trabalhos braçaes de forja e torno de bancada, a gymnastica e os exercicios militares completam o *cidadão perfeito*, forjado nas officinas da escola municipal *Rodrigues Sampaio*. E assim, professores e alumnos inheridos no mesmo objectivo, honram o nome do glorioso liberal e prestadio estadista, que lhes exorna o estandarte da escola.

Approvamos com effusão que a esta galeria se desse o nome de Antonio Augusto de Aguiar,

o saudoso ministro do povo, o inolvidavel estadista a quem a instrucção e o paiz tanto devem...

Não podemos porém deixar de notar que em nenhuma installação se encontra o nome de *Augusto Saraiva de Carvalho*, esse outro amigo da nação, o legislador do trabalho dos menores e das creanças, o orador parlamentar por excellencia!

PAVILHÃO DA IMPRENSA OU D. FERNANDO

Ao centro da salla está o carro da imprensa que serviu nos ruidosos centenarios de Camões e Marquez de Pombal, rodeado de montras dos expositores Ferin, Lucas e Filho, Silva, E. M. luminuras antigas, que muito ajudariam os investigadores da arte ornamental retrospectiva, e alguns chromos modernos. Vêem-se, em duas vitrines e n'uma estante, edições de correctissimo trabalho, podendo servir de modelo, por isso que nas officinas estrangeiras não se trabalha melhor; d'isto ha prova manifesta no bello trabalho de impressão da *Historia da Luzitania e da Iberia*, *Divina Comedia*, *De Angola á contracosta*, *Vida do Infante D. Henrique* e outras. Em arte retrospectiva seculo XVIII a seculo XV, admiram-se edições que fariam a gloria dos typographos portuguezes se fossem apresentadas na exposição de Paris em 1889, ou permanentemente n'um dos museus nacionaes.

O nosso bondoso amigo e director artistico

Temos ainda as exposições da casa Corazzi, A. M. Pereira, a de Henrique Zeferino, editores que expõe obras suas, distinguindo-se entre estes o sr. David Corazzi pelas suas bellas edições que rivalisam com as melhores do estrangeiro.

E, com as exposições typographicas da casa Lallement, e da *Minerva Central*, de Justino Guedes, de Mattos Moreira e do typographo Alfredo de Carvalho e outros de menor menção, temos terminada a rapida revista da Exposição industrial portugueza com uma secção agricola e seus annexos. [1]

A exposição nacional tem geralmente agradado aos portuguezes e surprehendido muito os estrangeiros que, segundo parece, nos não suppunham capazes *de tanto*. E comtudo, o Portu-

BRAZIL—Egreja da Gloria no Rio de Janeiro (Segundo uma photographia)

Barros e A. H. Valentim, que apresentam trabalhos em encadernações, gravuras, junto do *atelier* de gravura de F. Pastor.

A direita depara-se-nos a installação das *Colonias Portuguezas*, periodico defensor dos interesses ultramarinos e que sob a direcção de um homem illustrado, ornamento da sciencia, o dr. Manoel Ferreira Ribeiro, apresenta quadros com desenhos (gravura) do mesmo periodico, e expõe obras de propaganda scientifica d'este distincto medico da Armada sobre hygiene e outros assumptos conducentes a melhorar o estado sanitario das nossas colonias.

Ali estão expostos trabalhos da typographia da Academia real das sciencias, fundada em 1780, e onde se não admittem pelo seu caracter exclusivamente scientifico, execuções de phantasia.

A Imprensa Nacional expõe verdadeiras preciosidades em arte typographica, e edições de uma seriedade artistica a que, francamente, não estamos muito habituados. Em seis grandes quadros expõe bellos exemplares de variegadas il- d'esta folha, expõe, tambem no *pavilhão da Imprensa*, um quadro interessante, em frente da entrada, mostrando as diversas phases do trabalho para se conseguir a gravura, apresentando conjunctamente os respectivos instrumentos do proprio labor.

Como a modestia do nosso amigo Caetano Alberto nos não permitte fallarmos da sua caracteristica exposição, damos a palavra ás *Novidades* que em phrases merecidas e justas faz a sua descripção:

....

«A empreza do *Occidente* expõe um curioso quadro na frente da entrada, com um exemplar da madeira em bruto para gravura (buxo), chapa preparada para desenho, desenho a lapis feito sobre a chapa, gravura, prova da gravura em papel da China, e os buris e lente com que se fez o trabalho. Esta empreza está a cargo d'um trabalhador incançavel e talentoso, Caetano Alberto, proprietario do *Occidente*. Ostentam-se na respectiva *vitrine* exemplares de volumes da publicação illustrada *O Occidente*, com specimens das gravuras e edições do almanach, e d'um romance illustrado do fallecido escriptor nacional Leite Bastos. Esta installação tem um cunho nacional que a torna muito sympathica, além dos progressos visiveis que accusa Caetano Alberto no periodico decenal *O Occidente*, publicação exclusivamente portugueza.»

gal agricola, artistico ou industrial, vale bem mais alguma cousa do que ali vemos exposto.

Mas porque não está ali o que devia estar?

Estando, talvez, alguma cousa que o não devia?

Desejou Antonio Augusto de Aguiar que uma exposição industrial, no seu paiz, servisse de utilidade a todos, ao visitante, ao comprador, ao artista, aos estudiosos e ao economista.

Para satisfazer aos primeiros, que as installações fossem elegantes e vistosas; aos segundos, que os objectos fossem do melhor fabrico e do mais perfeito acabamento; que se expozessem quadros, estatuas, musicas e desenhos para estimular os artistas; que as exposições particulares de qualquer ramo de industria apresentassem as diversas phases do trabalho, desde a obra da terra até ao mais perfeito fabrico pelo homem; que as fabricas expositoras apresentassem productos do mesmo anno da exposição, e outros anteriores até dez annos, para se avaliar dos progressos comparados e obter-se assim um ele-

[1] Vidé *Occidente*, vol. XI, n.os 343 a 350.

mento valioso para as estatisticas geraes em bem da economia social.

Por isso Antonio Augusto de Aguiar indicou (até isso!) como se deveriam encher as guias de remessa.

Pois é rara a guia que veio para a exposição de 1888 com os impressos cheios na fórma indicada!

Salvo estes pequenos senões, repetimos, e desassombradamente, que esta exposição ha de ser util á industria, á agricultura, ao commercio e ás artes nacionaes, por isso que é um estimulo ao trabalho, um incentivo para os estudiosos. E é uma manifestação de vida em Portugal, que as estatisticas universaes não podem deixar de accusar.

O signatario d'estas linhas, como portuguez, orgulha-se com o resultado do certamen, e como escriptor tem procurado estudal-o. E assim, dando noticia segura d'esta revista do trabalho e da arte, conseguir que ella fique perpetuando, em todos, a sua alta significação.

(Continúa.) *Manuel Barradas.*

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

A GALERIA FARIA GUIMARAES (Desenho de J. R. Christino)

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

VI

A IMPRENSA NACIONAL

Antes da instituição da Impressão Regia os livros e documentos officiaes eram impressos em officinas particulares que gosavam de licença especial para esse fim.

Entre essas typographias notam-se as dos primeiros impressores chamados *impressores regios*, e depois em epoca posterior, as de Lourenço de Anvers, Antonio Alvares, Antonio Correia Lemos, Pedro Ferreira e ainda outros.

Foi o grande ministro de D. José I, o conde de Oeiras, quem pelo alvará de 24 de dezembro de 1768 creou a Impressão Regia, que desde logo ficou sendo conhecida pela denominação de *Regia Officina Typographica*.

O fim d'esta instituição, segundo enuncia o dito alvará, foi o de: «animar as letras e levantar um estabelecimento util ao publico pelas suas producções e digno da capital d'estes reinos.» Essa imprensa regia serviria ao mesmo tempo de escola á arte typographica, então em grande decadencia no nosso paiz, e de officina privativa de todas as artes officiaes dimanadas dos poderes publicos [1].

Foi a Impressão Regia estabelecida ao Collegio dos Nobres, na travessa do Marquez de Pombal, ou simplesmente travessa do Pombal (ultimamente denominada *rua da Imprensa Nacional*). Localisou-se no palacio de D. Rodrigo de Noronha, sendo o edificio alugado aos herdeiros pela renda de 700$000 réis, mas em fevereiro de 1816, representando aos poderes publicos o administrador Annes da Costa quanto estava ali sendo difficil o funccionamento de todas as officinas e dependencias da imprensa, e a vantagem de quando mais depressa possivel se fazerem obras de alargamento, o governo entrou em ajustes com os senhorios do palacio, conseguindo adquirir a compra da propriedade pela quantia de 4:800$000 réis, e gastando depois uns cinco contos de réis nas obras. Escusado é dizer que o edificio ficou vasto e accommodado a todas as officinas, como o desenvolvimento d'esse estabelecimento urgentemente reclamava.

Convém notar que antes da creação da Impressão Regia já em Lisboa existia uma fabrica de fundição de caracteres typographicos do qual a historia mal nos deixa vestigios. Havia sido fundada por um tal Jean Villeneuve, subdito francez, impressor da Academia Real de Historia Portugueza, que depois a passou ao Estado, ficando essa officina debaixo da jurisdicção da Junta do Commercio. Era situada na casa da Confraria do Espirito Santo da Pedreira e ali esteve até 1768 em que pelo § 9 do referido alvará de 24 de dezembro foi ordenado fosse annexada á regia impressão.

O mesmo alvará tambem determinava que no mesmo estabelecimento houvesse um abridor de estampas, com tres aprendizes, para assim melhor se aperfeiçoar a arte de gravura em Portugal.

Antes de continuarmos, seja-nos permittido abrir um parentheses para dizermos apenas algumas palavras acerca da introducção da arte typographica em Portugal.

A invenção da imprensa, ou, para melhor dizer, da typographia [1] anda pelos annos de 1450 a 1455. Moguncia foi a primeira cidade que d'ella fez uso, seguindo-se-lhe outras cidades da Allemanha e da Italia.

Suppõe se geralmente que na peninsula hispanica se introduziu a arte typographica seis a nove annos depois da sua invenção. Cabe a Leiria a gloria de ter sido a primeira cidade da peninsula a primeira que recebeu a typographia. O primeiro livro que publicou não trouxe data alguma. Contém as trovas do infante D. Pedro, filho d'el-rei D. João I. O primeiro livro que appareceu com data é a edição dos Prophetas, impressa em 1494. No fim do livro do infante D. Pedro diz-se que a obra foi impressa *nove annos depois de inventada a famosa arte de*

[1] Veja-se o excellente relatorio de Firmo Augusto Pereira Marecos apresentado ao governo em 1855, bem como o opusculo *The Nacional Printing Office and its products*, d'onde extrahimos grande parte d'esta noticia historica.

[1] Claro está que nos referimos á invenção da *arte typographica*, isto é, á impremissão por meio de *typos* ou caracteres metalicos, pois muito antes de Guttemberg existia a *impressão tabularia* de esculqtura, que constava de caracteres de madeira e que foi o primeiro genero de imprensa que se inventou e data dos antigos tempos da China. (*Memoria sobre a origem da typographia* por Antonio Ribeiro dos Santos, *nas Mem. da Litt. Port., Tomo* VIII, *pag.* 14.)

imprimissão, o que denota que Portugal foi das primeiras nações que usou da typographia. Leiria, Braga e Lisboa foram as primeiras cidades que a adoptaram.

Mais tarde el-rei D. Manuel procurou augmentar, tanto quanto possivel, a arte de imprimir em Portugal no começo do seculo XVI, mandando vir da Allemanha, por carta regia de 20 de fevereiro de 1508, o impressor Jacobo Croberguer, ou Cromberger, e concedendo-lhes, a elle e aos impressores portuguezes, grandes privilegios, entre os quaes avultava o de cavalleiros da casa real *(Synopsis Chronologica: Tomo 1 pag. 164 165)*.

Debaixo da benefica protecção do grande rei D. Manuel e seus successores a arte typographica adquiriu nos seculos XVI e XVII extraordinario incremento, havendo impressores de grande nomeada, e que produziram trabalhos esplendidos, Jacobo Cromberger, Valentino Fernandes, Hermam de Campos, João Hempis, João Blavio, Germano Galharde, João Pedro Bonhomini, Luiz Rodrigues, Luiz Correia, Antonio Alvares, André de Burges, Antonio Barreira e João Barreira, Antonio Gonçalves, Antonio Mariz, Antonio Ribeiro, Francisco Correia, Germão de Campos, Germão Galharde, João Alvares, Manuel da Lyra, Pedro Croesbeck, Ventura Fernandes, Vicente Fernandes Pires e tantos outros evidenceiam os progressos da arte de imprimir realisados no nosso paiz e mostram quanto elle aproveitou com as lições dos mestres allemães.

Alguns d'esses artistas grangearam o privilegio de *impressores regios*, taes como Antonio Ribeiro, João Barreira, Lourenço de Anvers, Lourenço Croesbeck, Miguel Deslandes, e os impressores da *Gazeta de Lisboa* Antonio Alvares, Domingos Lopes Rosa, Correia de Lemos, Pedro Ferreira, etc. etc.

Vieram depois as reformas dos estudos publicos e com ellas a necessidade da creação d'uma imprensa por conta do estado. O marquez de Pombal, então conde de Oeiras, com o seu grande genio reformador e larga iniciativa emprehendendo a reforma da universidade, a creação do Collegio dos Nobres, da aula do Commercio, e tantas outras nos estudos civis e militares não podia descurar o desenvolvimento da arte de imprimir por meio d'uma escola pratica protegida pelo Estado, e a Impressão Regia brotou do meio de todas aquellas reformas com a irradiação mais feliz do grande talento do Colbert portuguez. Cerca de um anno depois da instituição d'este util estabelecimento appareceu o decreto de 16 de dezembro de 1769 mandando que lhe fosse annexo o fabrico das cartas de jogar com privilegio exclusivo, dando-se por extincto no fim d'esse mez o contracto feito com André Faria Rocha, associado com Lourenço Soleno, fabricante de papelão, cartas de jogar, etc. e que estavam gozando d'aquella concessão desde 31 de julho do mesmo anno.

Grandes rendimentos deu á Imprensa Nacional este privilegio até 1832, em que pelo decreto de 10 de Outubro foi extincto.

«Deve notar-se—diz F. Pereira Marecos no seu luminoso relatorio—que esta fabrica foi, até á extincção do privilegio respectivo, uma fonte perenne de pingues rendimentos para o Estabelecimento, com os quaes não só satisfez pontualmente os encargos do monopolio, como auxiliou a fabrica de sedas com grandes sommas e occorreu á enorme despeza de avultado numero de obras mandadas fazer e não pagas pelas secretarias d'Estado.»

Quatro dias depois da instituição da Regia Officina Typographica, (como então se lhe ficou chamando) foi a sua administração commettida a uma Junta com o nome de *Conferencia*.

Essa junta, nomeada em 9 de dezembro, era composta de um director geral, um thesoureiro e um administrador technico. Para este ultimo logar foi nomeado o celebre impressor do Santo Officio Miguel Manescal da Costa e para director Nicolau Plagiarini.

Em 1778 foi promovido a director da imprensa o desembargador Domingos de Gamboa e Liz, já a esse tempo dirigindo a fabrica de cartas de jogar.

Por carta de lei de 5 de junho de 1788 a Impressão Regia passou a ser dirigida pela Commissão Geral para o Exame e Censura dos Livros, continuando todavia a subsistir a *Conferencia*, sob a presidencia do administrador technico Manescal da Costa.

Em 17 de dezembro de 1794, reinando D. Maria I, a Impressão Regia foi posta sob a immediata direcção da Presidencia do Real Erario, mas fallecendo em novembro de 1801 o administrador Manescal a *junta conferente* foi extincta por decreto de 7 do seguinte mez, sendo creada em seu logar uma junta directora com o titulo *Junta Administrativa Economica e Litteraria*, que se ordenou fosse composta de um director geral —Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral — e quatro directores litterarios — Custodio José de Oliveira, Joaquim José da Costa e Sá, bacharel Hipolito José da Costa e Fr. José Marianno da Conceição Velloso.

Este ultimo havia sido director da *Typographia Chalcographica Typoplastica e Litteraria*, creada em 1800, sob os auspicios de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, em uns casebres ao Arco do Cego, e depois encorporada, pelo dito decreto de 7 de dezembro, á Impressão Regia.

Esta junta pouco notavel se tornou, devendo-se a ella unicamente a iniciativa da fundação de uma fabrica de papel, junto ao rio de Alemquer, fabrica que começando a funccionar em agosto de 1802 veiu crear uma nova industria em Portugal.

Da fabrica de papel de Alemquer foi juiz conservador Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, e, infelizmente, quando esse estabelecimento começava a prosperar deu-se a invasão franceza, sendo quasi todos destruidos.

Havia esta fabrica sido fundada sob o patrocinio do governo por uma empreza de capitalistas composta de Joaquim Pedro Quintella (depois 1.º barão de Quintella) Jacintho Fernandes Bandeira, Antonio Francisco Machado, José Pinheiro Salgado, João Pereira de Sousa Caldas, Francisco Manuel Calvet, Pedro Bettamio e Sebastião Antonio da Cruz Sobral; destruida, como acabamos de dizer, foram as suas ruinas postas em hasta publica, em 1851, sendo compradas por uma nova companhia que tratou de dár á industria do papel o devido desenvolvimento e, a tal ponto o fez e com tanta felicidade, que hoje aquella fabrica se considera como uma das melhores do reino.

(Continúa). *Silva Pereira.*

ARTES E OFFICIOS

O ENSINO PROFISSIONAL NO ALBERGUE NOCTURNO

A ESCOLA DA ASSOCIAÇÃO

(Continuado do n.º 351)

Esta machina não ficou concluida quando o seu auctor passou do arsenal do exercito para a marinha, mas sim depois pelo então mestre da officina de canhões, Antonio Francisco da Silva, já fallecido.

Montagem de todo o machinismo da officina da fundição de canhões em 1863; isto além de pequenos trabalhos menos importantes, ferramentas, etc.

ARSENAL DE MARINHA

Além dos serviços mencionados na ordem da Superintendencia do arsenal de marinha, abaixo transcriptos, fez executar debaixo da sua direcção os seguintes trabalhos:

—dois tornos mechanicos de tornear metaes; um d'elles esteve na exposição universal do Porto;

—uma machina saca-bocados, com thesoura grande e outra mais pequena, idem;

—uma machina de vapor d'alta pressão para o escaler do serviço *Val de Zebro* do mesmo arsenal;

—uma dita de dois cylindros conjugados para o escaler *Azinheira;*

—melhoramentos e modificações cabaes nas machinas do escaler *Cordoaria;*

—dois cabrestantes de engrenagem dobrada para duas das corvetas de guerra;

—uma prensa para comprimir os tecidos para a Cordoaria Nacional.

COPIA

Superintendencia do arsenal de marinha, 27 de Dezembro de 1878—Ordem de serviço n.º 1:115.

Ao sr. chefe da 2.ª direcção se communica para os devidos effeitos, que o superintendente louva o engenheiro machinista de 1.ª classe ajudante da mesma direcção, Carlos Augusto Pinto Ferreira, pelo zelo e intelligencia com que se houve: —na montagem da machina, systema mixto, com condensador de superficie, da canhoneira *Quanza*, sendo a primeira d'este systema assente em navios do estado por engenheiro portuguez; dispensando-se assim para tal montagem, com economia para a fazenda, o contractar-se, como se tinha feito para casos identicos, um machinista estrangeiro;—na montagem do novo motor das officinas de oeste d'este arsenal;—na montagem do martinete de vapor na respectiva officina d'este estabelecimento;—na montagem de um grande torno de tornear superficies, introduzindo-lhe alguns melhoramentos, por modo a poder montar peças para tornear com muito maior diametro do que aquellas para que fôra construido em Inglaterra;—na construcção n'este arsenal, por desenho e iniciativa do mesmo engenheiro, de differentes apparelhos destinados a melhorar o fabrico dos cabos de linho na Cordoaria, melhoramentos de grandes vantagens; e emfim, no bom desempenho de todos os mais serviços que lhe tem sido commettidos.—(a) *Neves.*

Está conforme;—2.ª Direcção do arsenal de marinha 28 de Dezembro de 1878.—(a) *Cassiano Marques*, sub-chefe da 2.ª direcção.

CORDOARIA NACIONAL

Os trabalhos feitos na Cordoaria são os seguintes:

—plano e montagem da machina de vapor de 20 cavallos, systema Corliss, com duas caldeiras, chaminé, etc.

—transmissões de movimento e montagem das machinas da officina de tecidos de linho.

—transformação completa no processo de alcatroar o fio para os cabos, sendo o alcatrão derretido por meio de vapor, prensa de expremer e colhedor de fio trabalhando mechanicamente.

—um engenho mechanico para tirar os cordões e colher os cabos de todas as dimensões.

—um outro engenho para colher cordeis delgados.

Trabalhos officiaes feitos em differentes estabelecimentos do estado a requisição de outros ministerios.

ASYLO DE MENDICIDADE

N'este pio estabelecimento elaborou o plano e dirigiu a construcção d'um edificio proprio para a fabrica de moagem de cereaes e panificação;

—egualmente o plano e montagem da machina de vapor, caldeira, chaminé e todo o machinismo para o trabalho de 4 moinhos de moer trigo, apparelhos de peneiração, amassadeira mechanica e fornos de coser o pão;

—e o plano e montagem d'uma lavanderia mechanica com hydro-extractor, e estufa aquecida com os gazes perdidos da combustão.

SECÇÃO PHOTOGRAPHICA DA COMMISSÃO GEODESICA

N'esta repartição publica montou a machina de vapor com seu machinismo e transmissões de movimento.

Em 1865 foi encarregado da direcção technica dos pharoes do reino sob as ordens do contra-almirante Pereira da Silva.—E creando-se no arsenal uma pequena officina onde se faziam as reparações, ali se construiram, sob a direcção d'este funccionario, os pharolins da ponte do arsenal, da torre de Belem, barra de Espozende e outro que foi para a ilha do Fayal.

Montou o pharol lenticular, systema Fresnel, de luz fixa 4.ª ordem, na torre de S. Julião, substituindo o ali existente de candieiros d'Argand; e bem assim um apparelho do mesmo systema de luz fixa e relampagos de 30 em 30 segundos na luz, na Foz do Douro, e melhorou o assentamento do apparelho de 2.ª ordem do mesmo systema na torre de Outão, Foz do Rio Sado.

TRABALHOS FEITOS NA INDUSTRIA PARTICULAR

Como engenheiro na Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense—montando fez melhoramentos importantes nos motores das fabricas, 9 caldeiras novas de vapor e uma machina de vapor de 30 cavallos, systema Wooff.

Na Real Fabrica de fiação de Thomar, dirigiu e melhorou consideravelmente o estado do motor principal da fabrica, que é uma turbina fazendo-a trabalhar com a sua velocidade de regimen; o que se não tinha conseguido anteriormente. Construiu um apparelho para a desmontar com segurança; melhorou o canal de chegada da agua; montou convenientemente a officina de serralheria com as machinas e ferramentas novas que eram necessarias:—machina d'engomar, calandra, prensa hydraulica, officina de tinturaria com machinas curvas e canalisação de vapor e agua, etc.

Na Fabrica de Lanificios do Campo Grande

melhorou parte do machinismo e da montagem dos apparelhos de reducção do vapor e aproveitamento d'agua produzida pela condensação do vapor.

Na fabrica de moagens Bellos & Formigaes, deu o plano da casa e montagem das machinas motoras de accordo com Mr. Farcôt, e além d'isso fez a montagem das caldeiras e a chaminé, etc.

Na fabrica de moagem Martins, á Estrella, fez a montagem da machina Farcôt de 25 cavallos, e a das caldeiras, e plano geral e execução da casa para a machina.

Na fabrica de moagem Sousa Irmãos ao Aterro, deu o plano e direcção da montagem da machina de vapor, caldeira e chaminé.

Na serralheria de Prudencio Chaves, rua Nova da Palma, plano e montagem completa de toda a officina com as diversas machinas e forjas trabalhando por meio de ventoinha.

Na fabrica de productos de confeitaria, Balthazar Castanheiro, montagem d'uma machina de gaz e transmissões de movimento.

PUBLICAÇÕES

Até ao presente tem feito as seguintes publicações: *Guia de mechanica pratica;* está na 4.ª edição.—*Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor applicadas á navegação*, edição esgotada ha muitos annos.—*Guia de fogueiro conductor de machinas;* está na 2.ª edição.—*Engenheiro d'algibeira*, 2.ª edição.—*Opusculo sobre machinas mixtas d'alta e baixa pressão.*—*Opusculo sobre pharoes*, estudo feito ácerca da Exposição Universal de 1867. Tem no prélo, na Imprensa Nacional, um manual de noções elementares de technologia para uso dos industriaes e dos alumnos do 1.º anno da Escola Rodrigues Sampaio, e tem importantes trabalhos feitos para um diccionario de technologia de termos empregados nas machinas de vapor, suas ferramentas e utensilios, com os correspondentes em hespanhol, francez e inglez.

(Continua.)

Dr. Luiz Jardim (Conde de Valenças).

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

IX

A contradança foi um bocadinho mona.

Passeou-se sem animação, sem enthusiasmo, porque todos os pares pensavam mais n'outra coisa do que nas marcas.

Essa outra coisa era o romance intimo que alli se estava enredando.

O Dominguinhos começou a fazer uma côrte descarada á Ignacinha, que lh'a acceitava radiante, já porque, como temos dito, namorar era a sua corda sensivel, e já e principalmente porque o seu amor proprio gozava immenso com os despeitos, as raivas e os ferros, que essa corte do Dominguinhos fazia soffrer áquella delambida da sua amiga Alice.

Por seu lado, a Alice lançára mão immediatamente da mais vulgar das vinganças para com o seu namorado infiel; namorar-lhe outro nas barbas.

O Quim cahiu como sopa no leite; veiu excellentemente a proposito para vingança, tanto mais que na *soirée* do Leitão não havia muito por onde escolher.

E, além d'isso, o Quim era de primeira qualidade para a pena de Talião, porque era bonito, era jovial, era galanteador e prestava-se immediatamente a namoricos.

Bastou a Alice deitar-lhe uns olhares demorados e coquetear um bocadinho com elle, para elle acudir logo á deixa e principiar a fazer-lhe uma côrte insistente.

O Dominguinhos percebeu o plano da sua antiga namorada, e vingou-se redobrando de amabilidades e de galanteios para com o seu par.

A Alice, á proporção que o Dominguinhos redobrava, redobrava tambem, e, assim, redobra tu, redobro eu, seguindo á risca o preceito «assim como fan, fan», quando a contradança acabou havia na *soirée* dos Leitões dois namoros perfeitamente em regra e descaradamente accentuados.

Os outros pares, emquanto faziam *en avant deux, chaine de dames, chevalier seul, grand ronde* e *grande promenade*, seguiam cheios de curiosidade as phases porque iam passando os dois pares amorosos, comprehendiam e interessavam-se pelo enredo d'aquelles romances de coração, que alli começavam a emmaranhar-se, e foi por tudo isto que a contradança correu friamente, insipidamente sob o ponto de vista choregraphico de casa particular.

*
* *

A contradança acabou, mas o romance não acabou com ella. Pelo contrario, entrou no seu periodo mais movimentado e cheio de peripecias.

A Ignacinha sentou-se com o Dominguinhos a um canto da sala, e os dois pozeram-se a cochichar animadamente, não fazendo caso de mais ninguem.

A Alice deu logo o braço ao Quim, e levou-o para defronte d'elles, como que empenhada em lhes fazer *pendant*.

E a coisa era tão escandalosa, dava tanto nas vistas, que d'alli a pouco toda a gente não fallava senão nos dois namoros.

As meninas solteiras, muito espevitadas, censuravam-n'os gabando-lhes o descaramento; as mães da Alice e da Ignacinha mordiam os beiços, e faziam caretas e signaes ás filhas que nem por isso davam; as outras mamãs commentavam o caso muito desfavoravelmente, lamentando que aquillo não fosse com suas filhas para se ver então o que ellas faziam, como saberiam fazer valer a auctoridade, o respeito e a disciplina maternal.

A mãe da Alice por fim tomou uma resolução, e para ver se punha cobro áquella desfaçatez, chamou a filha e disse-lhe que fosse cantar.

Foi peior a emenda que o soneto.

A Alice poz-se logo em pé para obedecer á mãe, mas levou como acompanhador ao piano o Quim.

E elle começou a tocar com muito sentimento o *Addio del passato*, e pela segunda vez a menina Alice, muito esganiçada, guinchou agora ainda mais, cheia de sentimento, com mais fifias e mais reviramentos d'olhos, a aria celebre da *Traviata*, que era o seu cavallo de batalha das *soirées* familliares.

O publico começava já a estar muito massado com a tal aria que ia tendo muito os ares d'uma *scie*.

D'esta vez então parecia que o demonio do *Addio* não tinha fim.

Cheios de paixão, acompanhador e acompanhada, ralentavam extraordinariamente os andamentos, demoravam-se em cada nota tempos infinitos, e com essas paragens sentimentaes, a voz tremida da menina Alice arrastava-se de compasso a compasso lentamente, como um comboyo de mercadorias seguindo d'estação para estação.

Por fim acabaram a aria!

Os espectadores já meio adormecidos abriram os olhos, quando de repente lhes faltaram aquelles guinchos a que estavam já habituados.

Abriram os olhos e por honra da firma deram umas palminhas delicadas, sem convicção nenhuma, simplesmente por comprazer.

Alguns mais amaveis ou mais commodistas para não encommodarem as mãos disseram: «Bravo! Bravo! muito bem!»

O demonio que tal disseste!

O Barradas ia já para se levantar do piano, mas apenas aos seus ouvidos chegou o primeiro bravo, desistiu do seu bom primeiro movimento, e disse immediatamente á menina Alice:

—Agradou! Agradou muito! vamos a repetir.

A menina Alice sorriu-lhe com um olhar dulcissimo de ternura e voltou-se de novo para o piano.

E os espectadores assombrados, espavoridos, comprehenderam então cheios de terror que os dois iam recomeçar o *Addio del passato!*

Algumas senhoras menos pacientes protestaram.

—Que não! que não se cançacem! que lhe podia fazer mal cantar tanto tempo a fio!

—Não faz mal nenhum! tranquillisou risonha e amavel a menina Alicé, interrompendo-se e voltando outra vez ao principio.

E a mãe d'ella apressou-se logo em certificar o que ella dizia.

E emquanto a Alice cantava, a mãe, muito orgulhosa com o triumpho alcançado pelo talento musical de sua filha, contava o folego extraordinario que ella tinha para aquellas coisas, as horas sem conta que ella em casa passava de bocca aberta ao piano, horas a que devia os progressos rapidos e extraordinarios que de dia para dia fazia na sua Arte.

Entretanto as meninas riam á sucapa, trocando entre si ditinhos e olhares significativos, e o Dominguinhos e a Ignacinha tornavam-se notaveis pelas gargalhadas ruidosas e a troça descabellada que estavam fazendo.

E já livres d'escrupulos cerimoniosos, todos os convidados do sr. Leitão pozeram-se a conversar animadamente uns com os outros, sem fazer nenhum caso da Alice, que se derretia em sentimento a guinchar a *Traviata* pela terceira vez!

*
* *

Quando na sala se fez um silencio profundissimo foi quando a Alice se calou.

Então, sabendo-lhe já do sestro, tiveram todos um cuidado enorme em não provocar por qualquer signal de agrado, pela sombra d'um applauso, nova repetição da ta. musica.

E esta prudente ideia estava tanto no espirito de todos, que sem combinação previa, sem nada terem dito a tal respeito, ninguem se atreveu a tugir nem mugir quando Alice se calou.

Cada qual tratou de cerrar muito bem os labios, de affastar cautelosamente as mãos uma da outra, para que nenhum ruido podesse occasionar nova catastrophe.

Mas esse silencio profundo foi de repente interrompido por um som estranho, um som quasi assobiado, que parecia o de machina a vapor quando vae para parar.

Todos, assustados, olharam uns para os outros, sem saber o que seria aquillo.

—Naturalmente é no passeio publico, explicou a dona da casa, hade ser coisa para o fogo.

—Ah! é verdade, hade ser isso, concordaram algumas pessoas.

Mas o mesmo som repetindo-se com mais força, fez ver claramente que não vinha do passeio, que vinha de mais proximo, que sahia d'aquella mesma casa.

E todos se voltaram para o sitio d'onde elle vinha.

Era o sr. Leitão, que resonava como um abbade minhoto!

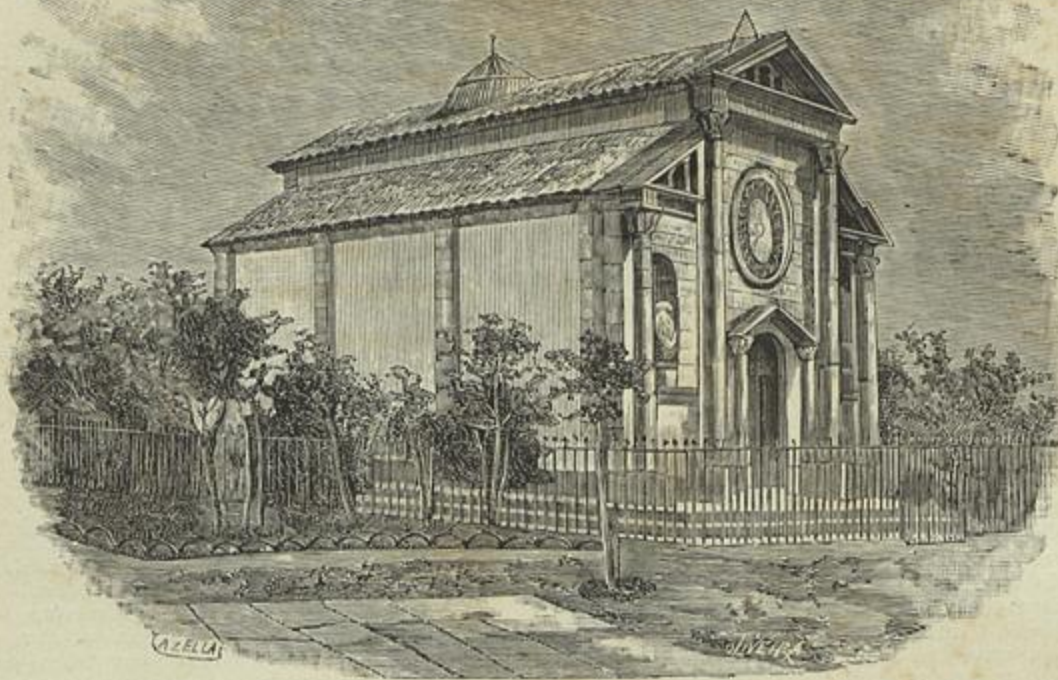
(Continúa).

Gervasio Lobato.

RESENHA NOTICIOSA

Viagem Real. Os reis de Portugal e sua alteza o infante D. Affonso tem permanecido no palacio de Mouza, descançando da viagem e dos festejos do casamento do principe Amadeu a que assistiram. Tem-os acompanhado os reis de Italia com a sua proverbial amabilidade. De dia fazem caçada no parque real e as noites são passadas em concertos intimos, em que a rainha de Italia toma parte com a sua magnifica voz, acompanhando-a algumas vezes el-rei D. Luiz no violoncello, seu instrumento favorito e que toca magistralmente. O nosso cantor Antonio d'Andrade tambem foi admittido a um d'estes concertos.

Regata. A regata que se realisou no dia 29 de setembro ultimo, foi uma festa brilhante, verdadeiramente nacional para o povo maritimo, que ao mar tem ido conquistar as suas maiores glorias e em além mar tem um futuro a sorrir-lhe e a engrandecer-lhe o seu nome. O dia estava esplendido e a regata correu na melhor ordem. O principe real e princeza D. Amelia presidiram ao desafio, de bordo do vapor *D. Amelia*, que estava todo embandeirado. O resultado da regata foi o seguinte: Venceram o yacht *Aura*, do sr. infante D. Affonso; cuter *Perola*, do sr. Carlos Luz; cahique *Zarco*, do sr. Oliveira Arriaga; barco da picada, *Sereia;* guiga de 6 remos, *Vega:* guiga de 4 remos, *Lançada*. Suas altezas reaes foram ao Club ás 10 ½ horas fazer a distribuição dos premios aos vencedores da regata, consistindo o premio offerecido pelo principe D. Carlos, em uma elegantissima bilheteira de prata lavrada, que foi entregue ao sr. Teixeira de Carvalho. Fez a distribuição sua alteza real a princeza D. Amelia. Os remadores das guigas, além das medalhas, receberam alfinetes de perolas e brilhantes para manta. Entre os premios havia objectos d'arte de grande valor.

General Bazaine. O telegrapho transmittiu a noticia da morte do general Bazaine, personagem tristemente celebre da guerra franco-prussiana, que mais infeliz que Napoleão III, sobreviveu por mais tempo ao grande revez das armas francezas

CAPELLA DE CARLOS ALBERTO, NO PORTO (Segundo uma photographia)

Uma espiação de dezoito annos passados no exilio, sem talvez ter uma sympathia manifestada e ainda ultimamente alvo de um attentado contra si, por um francez, a quem a apreguada traição de Metz ainda fez vibrar o patriotismo. O general Bazaine falleceu no dia 23 ultimo, com a idade de 67 annos. Sentou praça de soldado no exercito francez em 1831, e foi fazer serviço para a Argelia. Ao seu valor militar deveu, ao fim de tres annos, o ser elevado ao posto de alferes, e n'este posto passou a Hespanha com o exercito francez que alli foi deffender a legitimidade da rainha Izabel. Voltou depois para a Argelia no posto de capitão e tomou parte activa na guerra que a França sustentou n'aquelle paiz. Em 1854 fez a campanha de Criméa, commandando a brigada de infanteria e praticando actos de incontestavel bravura, que lhe valeram o ser promovido a general de divisão, posto em que já tomou parte na celebrada conquista de Sebastopol, de que foi nomeado governador da praça. Em 1855 tomou a praça de Kisburn. No Mexico tambem se distinguiu, e, em 1864, foi nomeado marechal de França pelos serviços que alli prestou. N'este paiz contrahiu Bazaine segundas nupcias com uma filha de uma das familias mais distinctas mexicanas. De aqui em diante começa a historia da guerra franco-prussiana, conhecida de todos nós que mais de perto ou mais distantes presenciámos os factos occorridos. O vencido de Metz foi accusado de traidor á França; tantos annos de gloria tiveram um epilogo vergonhoso. Bazaine foi condemnado pelo conselho de guerra francez á pena ultima. Thiers commutou-lhe a pena desterrando-o para a ilha de Santa Margarida. Do desterro conseguiu evadir-se para Hespanha onde acaba de fallecer, vergado, talvez, aos desgostos do exilio para elle tanto mais doloroso, quanto fôra brilhante o seu passado.

D. Branca. A opera *D. Branca* do maestro portuguez Alfredo Keil, deve ser cantada no *Éden Theatre* de Paris por occasião na Exposição Universal de 1889.

Exposição de vinhos portuguezes em Berlim. São 494 os viticultores portuguezes que tem concorrido á exposição dos vinhos portuguezes em Berlim, sendo 406 expositores do norte do paiz e 88 do sul. Cada um dos expositores offerece 144 garrafas para provas. Tem sido tambem remettido para venda grande porção de vinho.

Machina de cortar azeitona. O sr. Bento Joaquim de Mesquita, lavrador em Elvas, inventou um apparelho mechanico para talhar a azeitona destinada a curtir. Em um jornal da localidade encontramos a seguinte descripção d'este util invento: «A machina é simples. Consta de um banco em um dos extremos do qual está uma *torva* ou tremonha, para onde se deita a azeitona, e cujo fundo é de uma mola metalica, que por meio de um parafuso augmenta ou diminue o espaço por onde cáe a azeitona conforme a sua grossura. Esta, saindo da canoura, cáe sobre um cylindro liso, a que se dá movimento de rotação por meio de manivella: o cylindro, por uma engrenagem, faz volver um carreto guarnecido de navalhas para entre as quaes impelle as azeitonas. Por baixo da roda de navalhas embutidas longitudinalmente, ha uma lamina a qual é movel para variar a sua distancia das navalhas superiores. A azeitona sae perfeitamente talhada, sem que escape um só fructo, menos moida do que das mãos, pelo processo ordinario e mais rapidamente. Perfeição, ligeireza e aceio, pois que além das vantagens apontadas, a machina faz o serviço de dez mulheres experimentadas n'aquelle trabalho.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Curso Classico de Poetas Portuguezes, *unica selecta elaborada segundo os programmas officiaes approvados por portarias de 5 de outubro de 1872 e 19 de novembro de 1886, para uso das cadeiras de litteratura portugueza, tudo ampliado com numerosas notas biographicas, grammaticaes, bibliographicas, philologicas, geographicas e criticas*, por Antonio Peixoto do Amaral, professor de ensino livre, etc. Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, Porto, 1888. Um vol. de 260 pag. in-8.º Esta selecta divide-se em cinco partes da fórma seguinte: 1.º *Escola provençal, ou dos trovadores*, contendo as producções dos nossos cancioneiros, desde os poetas do principio da monarchia até Gil Vicente. O auctor inseriu n'este periodo algumas poesias de D. Diniz, D. Affonso IV, D. Pedro I, D. Duarte, D. Pedro, filho de D Sancho I, D. Affonso Sancho e D. Pedro, conde de Barcellos, filhos naturaes de D. Diniz; 2.º *Escola classica-italiana*, contendo as composições dos poetas quinhentistas; 3.º *Escola classica-hespanhola*, principaes producções dos poetas gongoricos; 4.º *Escola classica-franceza*, incluindo poesias dos poetas das duas arcadias; 5.º *Escola romantica*, poesias dos poetas modernos. O auctor teve o cuidado de conservar a orthographia exacta das differentes escolas, o que permitte avaliar a transformação successiva da lingua portugueza, a metrificação e estylo d'essas mesmas escolas. Este *Curso Classico de Poetas Portuguezes*, é, pois, o unico livro que hoje satisfaz ás exigencias do programma official das cadeiras de litteratura portugueza.

Maldições e Crenças, de Renato da Cunha. Porto Alegre, 1888. Um vol. in-8.º de 104 pag.ᵃˢ O auctor precede as suas producções poeticas, a que deu o titulo acima dito, da critica que a imprensa brazileira e argentina publicou com respeito ás *Rutilações*, outra producção poetica do sr. Renato da Cunha. Essa critica anima o joven poeta rio-grandense a estudar e proseguir nos seus trabalhos poeticos. Nós, lendo agora as *Maldições e Crenças*, tambem diremos ao seu auctor que estude e prosiga, e estamos certos que achará o que por emquanto falta á maior parte dos seus versos — conceito.

Bibliotheca Universal *antiga e moderna*. David Corazzi, editor, Lisboa. N.º 16, *Satyras e Epistolas* por Nicolau Tolentino, com uma noticia biographica do poeta. Desde 1861, em que os srs. Castro Irmão & C.ª editaram em edição de luxo illustrada as obras completas de Nicolau Tolentino, que não tinha apparecido no mercado nova edição de obras do mesmo auctor, por isso a edição das *Satyras e Epistolas* que hoje noticiamos, deve ser bem recebida pelo publico, porque além da grande popularidade que ainda hoje tem o nome de Nicolau Tolentino, é certo que as suas *Satyras e Epistolas* são das melhores producções do poeta.

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa